



Revista Contexto GEOGRÁFICO

Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
Programa de Pós-Graduação em Geografia
<http://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico>

JOSUÉ DE CASTRO NOS ENCALÇOS DA GEOGRAFIA FRANCESA: DECIFRANDO OS MEANDROS DE UM DIÁLOGO GEOGRÁFICO

Antonio Alfredo Teles de Carvalho

Universidade Estadual de Alagoas, Núcleo de Estudos Josué de Castro, Arapiraca, AL, Brasil
alfredo.carvalho@uneal.edu.br

RESUMO – O presente artigo objetiva focalizar a geografia desenvolvida por Josué de Castro à luz do paradigma vidalino, predominante no interstício que se estende da implantação do primeiro curso de Geografia e História no Brasil em 1934, até meados do decênio de 1950, quando a disciplina passa a conhecer novas perspectivas. Nesse caminhar, revela o diálogo entre o mestre brasileiro e a geografia francesa, seja através da sua obra, ou mesmo da sua correspondência pessoal com alguns autores franceses a exemplo de Pierre Deffontaines e Francis Ruellan. Por conseguinte, evidenciando a sua aproximação com aquela escola e os avanços no desenvolvimento de uma geografia de cunho social crítico.

Palavras-chave: Josué de Castro; Geografia Francesa; Diálogo Geográfico.

JOSUÉ DE CASTRO IN THE STREAKS OF FRENCH GEOGRAPHY: DECIPHERING THE MEANS OF A GEOGRAPHICAL DIALOGUE

ABSTRACT – The present article objective to focus the geography developed by Josué de Castro according to the vidalino paradigm, predominant in the interstitium that extends of the implantation of the first course of Geography and History in Brazil in 1934, until the mid-1950s, when the discipline come to know new perspectives. On this walk, reveal the dialogue between the brazilian master and the french geography, either through his work, or even his personal correspondence with some French authors to example of Pierre Deffontaines and Francis Ruellan. Thus, evidencing the yours approximation with those school and the advances in the development of a geography of nature social critic.

Keywords: Josué de Castro; French Geography; Geographical Dialogue.

A esta Geografia Humana, renovada em seu espírito, ou, talvez mais exatamente, recolocada no caminho que lhe abriram nossos mestres, presta Josué de Castro uma excelente contribuição.

Max Sorre

A ESCOLA FRANCESA E O DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA NO BRASIL

É notório o consenso existente entre os autores que discorreram a propósito da história do pensamento geográfico no Brasil (Monteiro, 1980; Bernardes, 1982; Andrade, 1986; Geiger, 1988; Dias, 1989; Mamigonian, 1991; Abreu, 1994), no que concerne a implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e do seu curso de Geografia e História, em 1934, como datação da introdução da geografia científica no país.

Contudo, adverte Maurício de Abreu que

Embora seja inegável que, com a criação dos cursos universitários, a Geografia atingiu um patamar novo em seu processo de desenvolvimento no Brasil, fixar o seu nascimento em meados da década de 30 acaba por encobrir o importante papel que vinha desempenhando, já há 25 anos, aquele que foi o verdadeiro introdutor da chamada escola francesa no país: Carlos Delgado de Carvalho. (ABREU, 1994, p. 204).

Nascido na França, filho de pais brasileiros, Delgado de Carvalho é igualmente apontado por muitos dos autores anteriormente aludidos como introdutor do país no circuito dos modernos conhecimentos geográficos e, por isso mesmo, identificado como um marco para a moderna geografia científica no país.

Não obstante o papel desempenhado por Delgado de Carvalho, a geografia científica no Brasil só se solidificaria com os mestres franceses que aqui chegaram a partir de 1934: Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig e Francis Ruellan. E agora, como bem mostra Abreu, “não apenas no nível do ensino, mas também da pesquisa” (1994, p. 205).

Deffontaines foi o primeiro a chegar, em 1934 e, na Universidade de São Paulo, afora o curso de Geografia e História, também fundou a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, que reuniu grandes intelectuais como Caio Prado Júnior e Rubens Borba de Moraes (MAMIGONIAN, 1991, p. 158). Assevera ainda, Mamigonian (1991, p. 158), que desde o início, a AGB se constituiu num lugar mais criativo do que o próprio curso de Geografia e História, por se usar a liberdade intelectual mais plenamente, pela prática constante das palestras, debates e diversidade de opiniões (Op. Cit., p. 158). Com a transferência de Pierre Deffontaines para o Rio de Janeiro no ano seguinte, onde também fundou o curso de Geografia e História da Universidade do Distrito Federal, assumiu o seu lugar Pierre Monbeig, que chegou a São Paulo para esse fim.

Bem jovem, mas já portador de uma segura cultura geográfica que, aliada à sua capacidade de comunicação e à sua índole afável, tornou-o desde logo um verdadeiro “mestre”, dilatando progressivamente um círculo de discípulos e colegas a sua volta. (BERNARDES, 1982, p. 522).

Com a transferência de Pierre Deffontaines para o Rio de Janeiro no ano seguinte, onde também fundou o curso de Geografia e História da Universidade do Distrito Federal, assumiu o seu lugar Pierre Monbeig, que chegou a São Paulo para esse fim. Monbeig consolidou o curso de Geografia e História da Universidade de São Paulo e idealizou e realizou a reforma da AGB em 1945, tornando-a uma entidade verdadeiramente brasileira, visto que até então era restritamente paulista a despeito da denominação que carregava consigo.

Cinco anos depois (1940), chega Francis Ruellan que se fixou no Rio de Janeiro, onde ministrou cursos na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e desenvolveu trabalhos no Conselho Nacional de Geografia (CNG), onde era assistente técnico. Entretanto,

Também ensinou em outros centros como São Paulo. Foi outra personalidade cujo entusiasmo cativou dezenas de discípulos e sobre os quais exerceu influência em graus variados. Despertou um grande número deles para a pesquisa e os encaminhou na profissionalização, em uma época ainda de incertezas quanto ao futuro prático do novo – novo entre nós, brasileiros – campo disciplinar. Ele formou o que poderíamos chamar de segunda geração de geógrafos no Rio de Janeiro. (BERNARDES, 1982, p. 522).

Sobre o Conselho Nacional de Geografia, convém ressaltar o seu papel no que diz respeito à absorção dos geógrafos recém-formados pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; além dos estudantes que ingressavam na condição de estagiários e, que quando

formados, não raramente, permaneciam. Dessa parceria do CNG (IBGE) com a UDF (FNF/UB) emergiram alguns dos grandes ícones da Geografia brasileira como Orlando Valverde, Fábio de Macedo Soares Guimarães, Pedro Geiger, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Speridião Faissol e Lysia Bernardes, dentre outros. Todos alunos de Josué na UDF ou na FNF/UB.

A permanência dos mestres franceses no país, acrescida da passagem menos duradoura ou simples visitas de outros tantos, a exemplo de Emanuel De Martone, Pierre Gourou e, mais adiante, Jean Tricart, Michel Rochefort e Jacqueline Beaujeu-Garnier, dimanou e difundiu no país uma geografia calcada na “orientação da Escola Francesa sob a égide lablachiana” (MONTEIRO, 1980, p. 14) que aqui predominou do decênio de 1930 até meados de 1950, quando se realizara no Rio de Janeiro, em 1956 o XVIII Congresso Internacional de Geografia sob os auspícios da União Geográfica Internacional – UGI.

Na esteira desse processo é importante não olvidar o papel desempenhado pelo geógrafo alemão Leo Waibel que permaneceu no Brasil durante toda a segunda metade do decênio de 1940. Contratado pelo Conselho Nacional de Geografia – CNG como assistente técnico, desenvolveu pesquisas que “renovaram e inovaram temas e abriram novas direções para o estudo da geografia brasileira” (Bernardes, 1982, p. 523). Para Monteiro (1980, p. 14). “A influência norte-americana menos clara, não é desprezível. Hartshorne (1939) já faz sentir os ecos de suas preocupações sobre a “essência” da geografia. A abordagem de Preston James (na Outline of Geography) sobre os gêneros de vida nas grandes paisagens vegetais do globo é sobretudo visível no Rio”.

Nesse momento já é possível perceber indícios de mudanças no que se refere ao paradigma vidalino. Nas palavras de Abreu (1994, p. 225) “um marco divisório importante na história do pensamento geográfico brasileiro. Símbolo da ‘maturidade’ que havia chegado nossa disciplina em tão pouco tempo (...) uma oportunidade ímpar de intercâmbio científico”.

Outrossim, dentro desse panorama não se pode negligenciar a contribuição de insígnis mestres brasileiros como Caio Prado Júnior, Sérgio Millet, Arthur Ramos ou Josué de Castro, afora outros, na formação geográfica desse período. Com efeito, destaca Dias (1989, p. 197) ao delinear o itinerário da geografia brasileira no interstício: “não saberíamos como esclarecer esta passagem sem destacar a contribuição original de Josué de Castro” (tradução livre).

A INCURSÃO DE JOSUÉ DE CASTRO NA GEOGRAFIA

A incursão de Josué de Castro na Geografia dera-se simultaneamente a institucionalização da disciplina no Brasil. É, pois, na primeira metade dos anos 30 que o autor torna-se Professor Catedrático de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife sob os princípios Escola Francesa de Geografia, aí permanecendo até 1935 quando transfere-se para o Rio de Janeiro e ingressa na UDF em 1936.

A partir dos anos 40 já se projeta no cenário internacional, sendo convidado para desenvolver estudos sobre alimentação em países como Argentina e Estados Unidos. Na década seguinte preside a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO, dirige o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil – UB (atual Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro – INJC/UFRJ), se inicia na política dentro do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB e ao longo desse período (entre os anos 30 e os anos 50) publica o que há de mais expressivo no conjunto da sua obra, desde o artigo *Metabolismo Basal de Clima*, publicado na Revista Médica de Pernambuco em 1932 e do livro *O Problema da Alimentação no Brasil* em 1933, aos clássicos *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome* em

1946 e 1951 respectivamente.

Josué de Castro insere-se num grupo de intelectuais e pensadores que paradoxalmente às interpretações conformistas, trilharam por novas formas de pensar o Brasil. Nesse sentido, sempre é válido aludir que os anos 30 e 40 constituem dois decênios que assinalaram a emergência de grandes pensadores sobre o país. Com tendências políticas das mais diversas, indivíduos dotados de uma ótica vanguardista, que vislumbraram novos horizontes no desenvolvimento do pensamento brasileiro. Assumem destaque nessa perspectiva, entre outros, Roberto Simonsen, Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho e Fernando de Azevedo. Entretanto, assinala a historiadora Yedda Linhares que estas duas décadas e a década subsequente seriam marcadas incontestemente por

Gilberto Freyre, que mudou indiscutivelmente a face pelas quais as elites brasileiras viam o problema racial brasileiro, constituindo-se num grande salto qualitativo para essa mudança (...); Sérgio Buarque de Hollanda, com *Raízes do Brasil*, que ver historicamente como se fundou essa nação (...); Caio Pardo Jr. já com o Brasil contemporâneo (...), Victor Leal Nunes, que mostrou que o Brasil vive sob a calamidade do poder local dos coronéis (...) e, Josué de Castro, que mostrou que existe fome no Brasil e se tratava de um fenômeno biossocial. (LINHARES, 1999).

Josué destacar-se-á, mormente, pelo rompimento com o silêncio em torno da fome e com os paradigmas que a explicavam como um fenômeno natural. Ele vai apontar este espectro e a miséria que assolam o país como consequências das estruturas sociais defeituosas historicamente herdadas e nesse sentido, irá instituir uma nova forma de analisar estes fenômenos, elucidando as razões pelas quais não se explica o país, como as coisas se processaram, porquê, e os seus efeitos (CARVALHO, 2001, p. 65/6).

Esta análise inaudita acerca da fome e permeada de denúncia o fará utilizar-se de disciplinas e métodos distintos, rompendo com as falsas barreiras criadas pelo positivismo entre as diferentes áreas do conhecimento, bem como buscar na Geografia o aporte ideal as respostas às suas inquietações. Entrementes, assinalam Anselmo & Bray (1988, p. 5) que Josué foi fortemente influenciado pelas tendências funcionalistas-culturalistas. Porém, o descontentamento com a realidade, constantemente o conduziu a um ‘rompimento’ com este método em decorrência da sua neutralidade.

Já em Recife, na primeira metade da década de 1930, o médico, professor da Faculdade de Medicina, aportar-se-á na Geografia nas suas pesquisas sobre as condições de vida das populações ribeirinhas famintas e das classes operárias locais. A partir de então o ‘método geográfico’ tornar-se-á uma constante nos seus estudos sobre a fome. A propósito, no prefácio de *Geografia da Fome* (CASTRO, 1992, p. 34) ele justifica a opção por tal método no estudo do caso brasileiro, assegurando ser este o

Único método que (...) permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebatar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos. Não o método descritivo da antiga geografia, mas o método interpretativo da moderna ciência geográfica, que se corporificou dentro dos pensamentos fecundos de Ritter, Humboldt, Jean Brunhes, Vidal de La Blache, Griffith Taylor e tantos outros. (CASTRO, 1992, p. 34).

Assim, associou a Geografia a outras disciplinas para contemplar estes e outros temas como crescimento demográfico, meio ambiente, subdesenvolvimento, reforma agrária, nutrição, educação, consumo, qualidade de vida, técnica, ou mesmo para tratar de movimentos pacifistas, evidenciando o seu abordando-as em perspectivas diversas e, por conseguinte, de forma mais clara e mais crítica.

Destarte, coadunando e examinando o universo temático evocado, verifica-se um elenco de preocupações que permeia as análises do autor e far-se-á sentir na totalidade da sua obra. Assim, intrepidamente e fundamentado em um referencial teórico-metodológico respaldado na práxis, Josué evidencia a opção preferencial pelo paradigma possibilista:

Nenhum elemento do meio natural determina qualquer realização do elemento humano; mas apenas possibilita. De modo que, quando dizemos ser um fato de ação mais intensiva, quer isto significar que ele se apresenta maior número de vezes, entre as possibilidades que interferem no nascer dos grupos de habitação numa certa região. (CASTRO, 1992, p. 99).

Percebe-se, portanto, que a relação do homem com o espaço em que ele vive é o cerne das suas preocupações e que o estudo das influências mútuas entre ambos, desta inter-relação dos dois elementos geográficos, constitui o mecanismo das adaptações e reajustamentos biossociais.

OS MEANDROS DO DIÁLOGO DE JOSUÉ DE CASTRO COM A GEOGRAFIA VIDALINA

Mesmo compartilhando do pensamento de Berdoulay (1981, p. 1), ao questionar as frequentes leituras que determinam as influências de um autor sobre outro e, esclarece que uma abordagem baseada neste tipo de referência corre o risco de ser apanhada por todas as armadilhas associadas com ênfase na evolução linear das ideias (tradução livre), não há como deixar de destacar a dimensão e a importância da influência vidalina em Josué, especialmente no que refere-se ao possibilismo e aos gêneros de vida, dois aspectos fundamentais na construção do seu pensamento, da sua obra e por conseguinte, à compreensão destes. Da obra prima do mestre francês, *Principes de Géographie Humaine*, extrairia uma premissa que decerto norteava a sua produção: *entre as forças que ligam o homem a um determinado meio, uma das mais tenazes é a que transparece quando se realiza o estudo dos recursos alimentares*.

Com efeito, ressaltam Anselmo e Bray (1998, p. 7) que “Josué de Castro manifestava grande admiração pelos geógrafos franceses, especialmente por Vidal de La Blache”. Esta assertiva clarifica-se na familiaridade demonstrada com autores como Emmanuel De Martone, Jean Brunhes, Max Sorre, Pierre Deffontaines e Lucien Febvre em muitos dos seus trabalhos. Na qualidade de possibilista confesso, ele apoia-se em De Martone para espacializar o fenômeno da fome a partir do conceito de geografia como ciência dos fenômenos físicos, biológicos e sociais distribuídos na superfície terrestre, suas causas e relações recíprocas; em Brunhes aprofunda a análise acerca dos gêneros de vida.

Entretanto faz-se importante destacar que a influência da Escola Francesa não restringiu o autor a apenas esta perspectiva. Reconhecia Humboldt, Ritter e Ratzel como grandes impulsionadores da moderna ciência geográfica e neles também se apoiava na sistematização das suas ideias.

Na esteira dessa herança, ao mesmo tempo em que evidencia a importância e intimidade com os mestres alemães utilizando e discutindo os princípios geográficos da extensão, coordenação e causalidade, formulados respectivamente por F. Ratzel, K. Ritter e A. Humboldt. Josué demonstra entender que o fenômeno que constituía-se no cerne das suas preocupações, tem suas modalidades geográficas e as dicotomias locais ligam-se à totalidade dos traços do complexo geográfico, sejam naturais ou humanos, constituindo uma descrição dos gêneros de vida. A legibilidade desta perspectiva fizera-lhe adotar o método geográfico como referência, especialmente por vê-lo “quase (...) como uma técnica que ensina a ver e a produzir com fidelidade os vários elementos que compõem os diversos panoramas naturais” (CASTRO, 1951,

p. 545), bem como discutir a disciplina demonstrando preocupações epistemológicas que vão das bases conceituais ao seu objeto de estudo. Neste caso, vê

“O estudo da paisagem – tanto da paisagem natural, produto exclusivo das forças físicas trabalhando a superfície do planeta, como da paisagem cultural, resultado da interferência do elemento humano, alternando a paisagem natural, criando fatos novos, modelando uma paisagem humanizada – é, em última análise o objetivo essencial da geografia, desta geografia moderna, que acabou com as barreiras artificiais que a dividiam totalmente em geografia física e geografia humana, em geografia geral e geografia regional.” (CASTRO, 1951, p. 545).

Dessas reflexões e questionamentos o autor logrou outras formas de entendimento acerca da Geografia e dos seus métodos que originou novas perspectivas no conhecimento de fatos que durante muito tempo foram vistos, mas não compreendidos. Nesse sentido, segundo Dias (1989, p. 197) “ele abraça corajosamente uma temática original para a época, optando, sobretudo por um assunto muito pertinente num país onde os problemas são particularmente graves” (tradução livre).

Todavia, só em 1937, é que a geografia ocupa pela primeira vez um lugar central no conjunto da sua obra. Trata-se do livro *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Na verdade, uma prévia de Geografia da Fome. Dois anos depois, publicou um livro de natureza didática, destinado ao ensino secundário, *Geografia Humana – estudo da paisagem cultural do mundo*. Um manual de geografia humana ao estilo vidalino do ponto de vista metodológico. De acordo com Milton Santos, este livro.

Discutia as principais teses da geografia (...). Era uma espécie de história contada através do uso do planeta pelo homem (...). Josué imprimia isso, porque tomava partido claramente pela noção de possibilismo, quer dizer, o homem capaz de frente ao meio, mostrar-se forte e modifica-lo. (SANTOS, 1992, p. 173).

A despeito do diálogo intenso com a geografia, Josué só voltaria a lecionar a disciplina em 1940 na nascente Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (com titulação homóloga àquela obtida no Recife sete anos antes) e, na qual efetivara-se em 1948 através de concurso público, ocasião em que apresentou e defendeu a tese *Fatores de Localização da Cidade do Recife – um ensaio de geografia urbana*, publicada em sua versão original pela Imprensa Nacional nesse mesmo ano e relançada em 1954, pela Casa do Estudante do Brasil com o título *A Cidade do Recife – ensaio de geografia urbana*.

Figura 1. Solenidade de Posse de Josué de Castro na Cátedra de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 14 de julho de 1948.



Fonte: CARVALHO (2002)

Chama a atenção em Josué de Castro o desenvolvimento de uma Geografia de contestação e combativa dos métodos de exploração social e econômica malgrado as abordagens centradas no naturalismo exacerbado das análises regionais do pensamento geográfico clássico, que segundo o geógrafo espanhol Alberto Luis Gómez (1983, p. 5), “tinha dificuldades de incorporar o social dentro de seu paradigma teórico” (tradução livre). Na verdade, a prática de Josué

Ensejava uma geografia de denúncia de realidades espaciais injustas e contraditórias. Tratava-se de explicar as regiões, mostrando não apenas suas formas e sua funcionalidade, mas também as contradições sociais aí contidas: a miséria, a subnutrição, as favelas, enfim as condições de vida de uma parcela da população, que não aparecia nas análises tradicionais de inspiração ecológica. Esta proposta veiculava um ideal humanista e conseguia um peso político, em função de sua potencialidade de constatação e divulgação da manifestação espacial de problemas sociais. (MORAES, 1987, p. 118).

Verifica-se assim, em Josué, um perfil independente quanto aos *dogmas* impostos pela *geograficidade*, trilhando por sua vez os caminhos de uma Geografia de cunho social e que não dissocia as relações sociais (homem X homem) das relações homem X meio, materializada nas vitórias do homem sobre o meio e que

Tratava, exatamente, daquilo que o homem não fez, não soube ou não quis fazer (...) das possibilidades geográficas que ele não aproveitou ou que maltratou. Não era, pois, uma geografia das grandezas humanas, mas geografia de suas misérias. Uma geografia de trágicas singularidades, na qual se estudava, não a terra que dá de comer ao homem, mas o homem servindo apenas para alimentar a terra (CASTRO, 1992, p. 25).

Este temário não constava no elenco a ser analisado por um geógrafo e por conseguinte, era tido como não geográfico. De acordo com Sorre (1958, p. 247) tratava-se de “uma Geografia

Humana renovada em seu espírito, ou talvez mais exatamente, recolocada no caminho que lhe abriram nossos mestres”. Rumando por estes caminhos Josué mantém-se relativamente afastado da comunidade geográfica brasileira, enquanto respalda-se sobretudo, nos colegas franceses a exemplo do próprio Max Sorre, Francis Ruellan, Pierre Deffontaines, Jean Tricart e Jean Dresch, dentre outros.

Com Max Sorre, por quem demonstra uma admiração especial, perceptível nas menções feitas ao mestre francês em diversas passagens da sua obra, seja em forma de agradecimento ou através das citações (comuns em seus livros), Josué estabeleceu contato a partir dos anos de 1940. Sorre ainda prefaciou a edição francesa da *Geopolítica da Fome*, e escrevera um artigo para a publicação da ASCOFAM comemorativa ao cinquentenário de Josué em 1958, afora os encontros periódicos por ocasião das reuniões da Comissão de Geografia Médica da UGI que ambos compunham.

Com Deffontaines e Ruellan, conservou os laços criados na Universidade do Distrito Federal – UDF e na Faculdade Nacional de Filosofia – FNF, mesmo depois destes terem regressado à Europa. As correspondências procedentes de ambos, ou o telegrama de Osório Dutra, datado de 26 de setembro de 1947, em nome de Deffontaines, convidando o geógrafo brasileiro para proferir uma conferência no Instituto Francês de Barcelona, quando diretor do mesmo, deixam transparecer a solidez desses laços.

Observe-se que na primeira carta Deffontaines acusa o recebimento de *A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana* ao mesmo tempo em que ressalta o pioneirismo de Josué nos estudos sobre alimentação. Também discorre sobre um levantamento bibliográfico que realizará através da Universidade de Lille onde pretende mostrar esta face do colega brasileiro. Ruellan, por sua vez, trata de contatos de natureza política e subjetivamente de uma distinção a Josué e, ainda, da sua vinda ao Brasil (Manaus) para trabalhar em colaboração com o Instituto de Pesquisas sobre a Amazônia.

Fica evidente que o distanciamento de Josué no que se refere a comunidade geográfica brasileira, como referido anteriormente, foi relativo e fez-se sentir mais fortemente em relação a AGB. Na FNF onde foi chefe do Departamento de Geografia, conforme a Portaria 172 de 17 de dezembro de 1956 do Reitor Ignácio Azevedo do Amaral, compartilhou de um projeto acadêmico ao lado Delgado de Carvalho e Ruellan, entre outros, onde prevaleceu a orientação da Escola Francesa de Geografia de inspiração vidalina.

Essai 15. 8. 31

Cher Monsieur le Professeur

Je vous ai reçu dans un fagunda de vacances votre volume sur l'alimentation Brésilienne. Merci catégoriquement de me l'avoir envoyé. Pour moi, le problème d'alimentation est parmi les plus importants de la géographie humaine. Malheureusement il y a encore très peu d'études de géographie de l'alimentation. La votre est une des premières. Elle est nettement guidée par la conscience de la géographie humaine.

Je vous fais un compte rendu bibliographique très utile pour les géographes; il paraîtra dans la Société de Géographie de Lille et il montrera l'intérêt de votre étude tout à fait neuve.

Comme attendu je vous adresserai aussitôt le numéro ou sera publié ce compte rendu.

Très cordialement, mon cher collègue,
à mes sentiments très reconnaissants

Pierre Deffontaine
10 rue d'Alambert Lille

Rio de Janeiro, le 24 juin 1955.

Monsieur le Professeur
Josué de CASTRO
aux bons soins de
l'Ambassade du Brésil
Avenue Montaigne - PARIS



Mon cher Professeur et Ami,

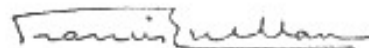
Votre lettre du 2 juin a mis 22 jours pour me parvenir, ce qui est évidemment un record, si bien que je n'ai pu vous répondre à Rome, mais, puisque vous serez à Paris en juillet, je vous envoie cette lettre à l'Ambassade du Brésil, comme vous me l'avez demandé.

Notre Ambassadeur, Monsieur Hardion, est à Paris, encore probablement pour quelques jours et je me permets de vous suggérer de le voir, puisque c'est lui qui m'avait dit que l'inconvénient d'une fonction internationale ne lui paraissait pas un empêchement majeur. Vous avez fort bien fait d'en parler au Comte de Billy et je vous conseille de voir également notre ami Ronze que j'ai déjà mis au courant. J'ai parlé récemment au Charge d'Affaires de France, Monsieur Le Genissel, afin qu'il fût informé.

J'espère que nous aurons rapidement une solution qui me fera personnellement un très grand plaisir, car vous méritez largement cette distinction.

Je pars ce soir pour Manaus travailler en collaboration avec l'Institut de Recherches sur l'Amazonie. J'espère avoir le plaisir de rencontrer notre ami commun, Arthur Reis.

De ménage à ménage, recevez nos meilleures amitiés et notre très amical souvenir.



Francis Ruelian



UMA NOTA À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Paulo Cesar da Costa Gomes (1999, p. 339) “é preciso ver a história e o movimento (...) da geografia em particular, como uma trama.” À luz dessa premissa, emanou a determinação de submergir a mesma e reconstituir, ainda que de forma parcial, a influência da Escola Francesa de Geografia de inspiração vidalina na construção do pensamento e da obra do geógrafo brasileiro Josué de Castro, no período que se estende da institucionalização a solidificação da disciplina no país.

Destarte, foi possível revisitar um diálogo e trazer à luz algumas marcas do mestre francês e dos seus primeiros discípulos no criador e na criação, evidentes na opção preferencial pelo possibilismo e a análise regional, não obstante a sua rejeição a geograficidade e ao asseptismo político que permeavam o discurso e a prática vidalinos. Por conseguinte, conduzindo-o a um avanço na análise dos fenômenos sociais que mostrar-se-ão como ponto mais significativo no conjunto da sua obra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, Ana Fani. A. (Org.) **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 199- 232.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Tendências Atuais da Geografia Brasileira**. Recife: Asa, 1986.
- ANSELMO, Rita de Cássia M. de S., BRAY, Sílvio Carlos. **Josué de Castro e a Importância de sua Obra para a Geografia Nacional**. Rio Claro, 1998. 10 p.
- BERDOULAY, Vicent. The Contextual Approach. In: STODDART, D. R. **Geography, Ideology & Social Concern**. Oxford: Basil Blackwell, 1981. p. 8-16.

BERNARDES, Nilo. A Influência Estrangeira no Desenvolvimento da Geografia no Brasil. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 519-527. jul/set, 1982.

CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de. Josué de Castro: Um Geógrafo de Múltiplas Contribuições Revisitado em suas Idéias. In: **Geosp** – espaço e tempo. n. 13. São Paulo: PPGG/FFLCH/USP, 2003. p. 59-69.

_____. **Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira – 1934/1956**: uma contribuição à historiografia geográfica nacional. Dissertação (Mestrado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFPE. Recife, 2001.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome** - o dilema brasileiro: pão ou aço. 11 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

_____. O Espírito Geográfico da Filosofia Moderna. In: **Boletim Geográfico**. IX (101) Rio de Janeiro: IBGE, 1951. p. 545-547.

_____. **Fatores de Localização da Cidade do Recife** – um ensaio de geografia humana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. (Reeditado em 1954 como “A Cidade do Recife: ensaio de geografia urbana”, pela Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro)

_____. **Geografia Humana: estudo da paisagem cultural do mundo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

_____. **A Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

DIAS, Leila Christina. La Pensée Géographique Brésil: Hier et Aujourd’Hui. In: **L’Espace Géographie**. n. 3. Paris, 1989. p. 193-203.

CAROS AMIGOS. **Entrevista Explosiva**: Mestre Milton. Agosto de 1998. p. 22-27.

GEIGER, Pedro P. Industrialização no Brasil, Conhecimento e Atuação da Geografia. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 1988. v. 50, n. especial, tomo 2, p. 59-84.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Culturas teóricas, culturas políticas no espaço geográfico. In: CASTRO, Iná Elias de et al (Orgs.) **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 335-339.

GÓMEZ, Alberto Luis. La Geografia Humana: de Ciências de los Lugares a Ciência Social? In: **Geocrítica** 48, Barcelona: noviembre, 1983.

MAMIGONIAN, Armen. A AGB e a Produção geográfica Brasileira: avanços e recuos. In: **Terra Livre**. n. 8. Porto Alegre: Marco Zera/AGB, 1991. p. 157-162.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980. (Teses e Monografias, 37).

MORAES, Antônio Carlos R. **Geografia**: pequena história crítica. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

SORRE, Max. A Fome sem o Véu Discreto da Fantasia. In: **O Drama Universal da Fome**. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 243-247.